

Questão 78

Psicanálise do açúcar

*O açúcar cristal, ou açúcar de usina,
mostra a mais instável das brancuras:
quem do Recife sabe direito o quanto,
e o pouco desse quanto, que ela dura.
Sabe o mínimo do pouco que o cristal
se estabiliza cristal sobre o açúcar,
por cima do fundo antigo, de mascavo,
do mascavo barrento que se incubia;
e sabe que tudo pode romper o mínimo
em que o cristal é capaz de censura:
pois o tal fundo mascavo logo aflora
quer inverno ou verão mele o açúcar.*

Só os banguês que ainda purgam ainda
o açúcar bruto com barro, de mistura;
a usina já não o purga: da infância,
não de depois de adulto, ela o educa;
em enfermarias, com vácuos e turbinas,
em mãos de metal de gente indústria,
a usina o leva a sublimar em cristal
o pardo do xarope: não o purga, cura.
Mas como a cana se cria ainda hoje,
em mãos de barro de gente agricultura,
o barrento da pré-infância logo aflora
quer inverno ou verão mele o açúcar.*

João Cabral de Melo Neto, *A Educação pela Pedra*.

*banguê: engenho de açúcar primitivo movido a força animal.

Os últimos quatro versos do poema rompem com a série de contrapontos entre a usina e o banguê, pois

- (A) negam haver diferença química entre o açúcar cristal e o açúcar mascavo.
- (B) esclarecem que a aparência do açúcar varia com a espécie de cana cultivada.
- (C) revelam que na base de toda empresa açucareira está o trabalhador rural.
- (D) denunciam a exploração do trabalho infantil nos canaviais nordestinos.
- (E) explicam que a estação do ano define em qualquer processo o tipo de açúcar.

RESPOSTA

ALTERNATIVA C

A adversativa ‘mas’ sugere, na verdade, outro contraponto, justamente o que rompe com os outros, que contrapunham engenhos e usinas: “mãos de barro” da “gente agricultura” ainda são responsáveis, “quer inverno ou verão mele o açúcar”, pela cultura da mesma cana, muito embora hoje as “mãos de metal” da “gente indústria” cubram, com a purificação e a cristalização do açúcar, a escura coloração do mascavo.